

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Diretor — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra de villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — **IMPRESA CIVILIZAÇÃO**
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A OBRIGA

SEMENTEIRA

O encarceramento de Ferrer—vítima ha longos annos da reacção politica e religioza espanhola—dá margem a recordar-se e precizar-se a sua obra.

Francisco Ferrer, pobre e quase desconhecido propagandista, conseguiu um dia, pela persuasão eloquente, a fortuna d'uma jenerosa e abonadissima dama. Herdeiro rico, como a maioria dos homens de grandes teres podia sér um grande no mundo oficial, um gozador, um ocioso:—não aceitou esse egotista e frivolo fim e dedicou a fortuna, a perseverança, a intelijencia e o trabalho á faina de contribuir, o possivel, para o levantamento e bem estar humanos. Estudando, consagrando-se á civilização—no significado perfeito—verificou, facilmente, que a primordial e propria ferramenta, para o seguimento do fim proposto, eram a instrução e a educação. A escola oficial era pessima, embrutecedora, mal dirigida; os estabelecimentos de ensino de caracter particular benéfico não davam, por defeituzo preparo, fructos de prestimo; e fora d'isso, o que havia era a escola fanática e cheia de vicios e de lacunas das casas religiozas da Espanha. Deleuou, deu-se a trabalhos, inquirições, e tendo pezado as tentativas falidas, conhecedor da obra de Froebel, de Pestalozzi, dos Kendergarten, para o seu tempo ezeou a escola racional a que sem ezaero e abuzo intitulado de—Moderna.

Essa escola—a sua *Escuela Moderna*; esse ensino—o ensino da sua revista pedagogica *L'Ecole Renové*, não são, como poderá a ignorancia da boa fé torpemente mystificada supol-o, ajencias e tentaculos anarquistas. A escola racional não segue sistemas, dogmas, principios, religiozos, politicos; se não é monarchica não é tampouco republicana, e se não é socialista tampouco não é libertaria.

Tal teoria bazico, quanto á politica, é-o, tambem, quanto á religião. A escola não é catolica nem protestante; não é religioza ou irreligiosa. Abstem-se de penetrar no recesso das crenças intimas, que o seu intuito não é aliciar setarios, mas sim ensinar, educar as jerações novas. Educar, ensinar, não em vista d'um dado objecto que mais ou menos desvia o mestre do seu logar, mas sim, mas unicamente, educar:—pela educação, e ensinar:—pelo ensino. Para a escola assim, Ferrer empregou capitães, tempo, esforços, saber. Semeou-as pela Catalunha, d'ahi fel-as passar ás mais provincias d'Españha, creou para as dirigir a dentro do nobre espirito inicial toda uma legião de professores, animou-as com o seu estimulo, com o seu apoio, com a sua dedicacão; e em poucos annos n'um dos paizes mais barbaros da Europa—America, viu triunfar e crescer a obra—que era o mais feliz emprego d'uma adeantada civilização.

Para os reaccionarios, os de batinha ou de farda de estadista porem a sementeira era um zedado.

Não bulia em crenças nem se metia em politica mas creava, admiravelmente, cidadãos de cerebro livre e consciencia san;—dava, como con-

sequencia do seu ensino racional, o tipo elevadi do homem moderno: o *homo-sapiens*. Era um mecanismo magnifico, d'um valor pratico modelo; era, na verdade, como tecnica de creação de individualidades distintas, o melhor e o mais bem achado. Mas não servia a quem quer borregos.

Foi, portanto, em todos os dominios de Afonso XIII e de Sua Santidade, rancorosa, obstinadamente batida.

Antonio Valente.

CAMINHO UNICO

No editorial do seu primeiro numero o diario portuense «A Patria», definindo a acção republicana, pronuncia-se pela soluçãõ revolucionaria urgente, do amadornado conflicto em que ora nos debatemos.

«O problema politico portuquez—escreve—no qual se ligam em intima dependencia todos quantos interessam á vida da nação, carece de soluçãõ imediata; e essa soluçãõ, não hezitados em afirmal-o, tem forçosamente de sér revolucionaria».

«Em um paiz, ignorante e empobrecido por meio seculo de administração fraudulenta, inconscio dos seus direitos e apenas habituado a conhecer dos seus deveres; aqui onde as oligarquias politicas, fortes com um passado de impunidade, confiadamente se dispõem aos mais audazes cometimentos—é uma quimera pueril imaginar que é possivel conduzir, em tranquila evoluçãõ, um largo e profundo movimento educativo e de reconstrução, que vitoriosamente reforme os costumes politicos e transforme fecundamente os processos da administração publica».

«A tarefa do resurgimento nacional depende necessariamente de um esforço revolucionario, por maiores que se afigurem os seus perigos e incertezas; e a unica força politica capaz de a iniciar e levar a termo reside no partido republicano».

Sim, em Portugal uma Revoluçãõ que introduza honestidade na administração publica e seriedade e virtude na constituição politica, uma Revoluçãõ que iniba de se perpetuar a nocividade das concussionarias quadrilhas que nos empobreceram e nos levam direitos á bancarrota, uma Revoluçãõ d'essas é necessaria, mas, mais ainda,—é uma operação de instante urgencia. Tal Revoluçãõ só os republicanos podem fazel-a, porque só eles dispõem da energia e força politicas capazes da obra reconstrutiva, tal Revoluçãõ tem, necessariamente, de começar por derruir um sistema cujas belezas são bem notorias. A Revoluçãõ é, pois, uma soluçãõ de que depende, intrinsecamente, a mudança a que aspiram todas as classes de todo o povo portuquez; a Republica é, por consequencia, a conclusãõ natural e essencial dos votos publicos anseiantes por «vida nova»; e alarmados pelos perigos que nos ameaçam. Nestas condições, obvio é o que deva chamar-se a conducta republicana.

Tem de sér caracterizada, decididamente revolucionaria, tem de o sér assim com poucas e sobrias frases e com actos penetrantes e decisivos. Se o pizo por tal caminho oferecer incomodos e sacrificios, a

abnegação patriótica dos republicanos, galhardamente, vencel-os ha. Não se edifica um templo novo de mãos nos bolsos e olhar no ceu, á espera da pomba reconfortante: caream-se os materiaes, lapidam-se, facturam-se, ajustam-se; com os braços, com o suor do rosto, com a voz, com o coração.

Tal devera sér o nosso caminho: caminho unico.

ECHOS DA SEMANA

«A Voz Publica»

Para dar a vez ao novo e magnifico diario portuense «A Patria», suspenso a publicação «A Voz Publica».

Dando a cada um o que lhe é devido, não ha ezaero afirmando-se que altos servicos deveu o partido republicano ao valoroso jornal extinto, que o Porto, entre assinaladas bemfeitorias, de ordem material e moral, lhe deve o triunfo da sua «lista da cidade»:—felz expressãõ que resume o libertamento d'um cacicato malefico, explorando e degradando a municipalidade. Voz intemerata e indominavel clamou defendendo o justo, o racional, e na fila marcante dos seus combatentes contou figuras do relevo de Bruno e de Silva Pinto. Desapparece, sacrificando-se aquele que lhe sucede, que lhe herda as tradições e o brilho:—para as engrandecer, as perpetuar.

«A Voz Publica» o nosso adeus de saudade; á «Patria» as nossas saudações e felicitações.

O Real noivo

Pelo que afirma a imprensa inglesa já não topa noiva, na Inglaterra, o simpatico rapaz que é o nosso rei. A familia F.f.e, na qual se esperava viesse a pegar o enxerto da nobre raça da apostolica D. Carlola Joaquina, acha, talvez, pouco comodo um trono em ruinas e um povo secco como uma espinha; d'ahi o refrecimento.

Um jornal londrino o «Financial News» assim o afirma insolentemente.

«A diplomacia portuqueza—diz—trabalha para casar D. Manoel com uma princeza inglesa, pensando arranjar na Inglaterra os indispensaveis recursos para evitar a bancarrota em Portugal».

«A Inglaterra não deve deixar qualquer das suas princezas ocupar o trono d'um paiz arruinado».

«Ai dos pobres, e ai do pobrinho do nosso rei, por esse mundo fóra a sér enfeitado. Era agora o que lhe faltava...»

D. Quichote

Muito cedo embandeirou o otimismo espanhol com a noticia da tomada do Gurugu e tão cedo que no dia seguinte á festa noticiava-se de Mellila, oficialmente, uma nova derrota espanhola. Um jeneral, varios officaes superiores, numerosos soldados custou esse cheque, e tão lonje está ainda a rejião de pacificada e a vitoria de reconhecida que um rejimento de lanceiros embarca a esta hora em Ma-

laga para o teatro das operações e breve o seguirá uma divizãõ completa de tropas frescas.

Paralelamente, o horizonte anuvia-se com as reclamações e os protestos do sultão, o que apezar do estado anarquico de Marrocos não deixa de ter importancia. Ha-de acabar tudo pelo melhor, castigando a Hespanha os Rifenhos, visto que a ultima palavra cabe sempre ao melhor armado e mais apto, mas a verdade é que o paiz vizinho com isso não ganha senão honras.

Proventos, lucros d'uma campanha que lhe devora milhares de filhos, e lhe deixa numa situação angustiosa a fazenda publica—isso contem os nossos *hermanos* que não apanham. A Europa diverte-se vendo-os dar e levar, saboreia os raios de corajem e a solidez das suas tropas, mas se se tratar de tirar a compensação, em cima da inerme Espanha cáe todo o poder do mundo. Os diplomatas o sabarão dizer—na ocasião propria.

Mais um

Na Grecia, como já aqui se escreveu, houve uma manifestação militar para serem corridos do governo os reaccionarios, e expulsos do exercito, que desorganizavam os membros da familia real. Essa manifestação da força acaba de ter, solena, a consagração do direito. 70:000 pessoas reunidas em Athenas, num comicio monstro aprovaram a conduita dos seus irmãos militares, e votaram uma moção reclamando as reformas que a democracia grega defende. Em seguida, desfilando pelas ruas da capital, os 70:000 cidadãos rodearam o palacio real apresentando ao monarca a mensajem da sua popular vontade soberana. A majestade, é claro, aceitou radiozamente, e vitorioso sem descanço o povo. Assim se metem na ordem reinantes, quando os povos querem e dispõem dos meios proprios para serem respeitados nos seus desejos. O rei da Grecia e a rotativagem do seu paiz capitularam—que remedio.

Resta agora que como o Persa ou o Grão-Turco se lhes meta em cabeça ganhar tempo—para vencerem...

Tratados de comercio

A imprensa franceza tem vindo nos ultimos tempos apregoando a conveniencia d'um tratado de comercio com Portugal. Aos industriaes e comerciantes da republica não agradou o nosso tratado com a Alemanha que mais ou menos prejudicará a venda ao artigo francez; vae d'ahi falarem de contrabalançar esse mau efeito com certas vantagens compensadoras. Assim disposto o terreno deficitario não será os dois povos, os dois governos entendendo-se, chegarem a uma *entente* que reuna as melhores conveniencias... para as duas partes. Portugal póde encontrar na terra franceza mercado vasto e opulento para alguns dos seus mais abundantes e mais afamados productos o que beneficiaria a economia nacional e a França continuaria a conservar o mercado portuquez que apezar de pequeno—é magnifico.

Bom será que assim aconteça, para nem tudo serem desditas.

Um gigante

Caso que muito deve orgulhar o nosso amor proprio de portuqueziños valentes temos um gigante de nome. Mede dois metros e uns tantos covados o autentico filho dos luzos que vae ter a desgraça de ir *pousar* em exposições. Grande gigante! collocando os pés e as pernas em triangulação com a terra servia de ponte entre Lisboa e o Seixal, ficando o Tejo pelaavel quanta d'uma cabeça vadeavel por uma ponte original, grandioza, colossal. Em caso de luta com os dedos das mãos viraria os fundilhos aos coucavados e nos bolsos do seu jaleco podia haver arsenal para a nossa marinha... quando a tivéssemos. Remedio para tudo e de graça: atemido bem os ministerios da marinha e das obras publicas.

... e continua

O quê? Ora a ingenuidade! O que havia de ser? A industria dos Pachecos que ao que dizem, corre com sorte varia e... bons pontos.

Mas tem uma vantagem; porque o calor *aperte os callos* aos pontos, ou para reclame aos pachecos, já se não está com o cuidado de fechar as portas. E' ás escancaras!!!

Da rua vê-se jogar. Muito bem! Tem a vantagem de não estar com meias desditas. Que diz a isto o snr. Conde d'Agueda.

Não mette o *béco*, o *bico* ou o que diabo o que manda metter a quem lhe deve cumprir as ordens?

Está tudo bem. Diz a letra com a careta.

Tezo, só para dar patadas nos republicanos se dorem vitadas á Patria.

All right!

O espirito do povo

Ha sempre na alma popular um principio nato de justiça, como ha a critica mordaz com uns aspectos curiosos que só o povo sabe dar.

N'uma rua d'Ovar appareceu um cartaz junto d'um candieiro com os dizeres: «Rua dos candieiros apagados n.º 35».

Ora realmente o titulo estava bem posto mas se serviu de criterio o facto de não terem lá accendido os candieiros, a mesma designação se deve dar a todas as outras ruas d'Ovar.

De tivesse fosse para criticar a falta de talcoz com a designação das ruas o que é bem de sentir e não era coisa que ficasse cara á snr.ª camara.

Mas nós votamos porque fosse *bisca* á illuminação publica que só se accende quando não ha luar no repertorio da camara. Desde que o repertorio estiver luar, os candieiros estão apagados ainda que a noite esteja escura como breu.

Enfim para alguma coisa havia a camara de ter geiteira: é para ir a Borda... Leça se não preferir a Borda d'Agua.

PECCA VI

No dia em que saí do seminário, e vim rezar a *Missa Nova* em lóbrego latim, nesse dia cuidei-me um ente superior, sagrado, excepcional: um chefe e ordenador. Regorjitava a Igreja; havia lumes, flores, incensos e, no côro, a musica, os cantores; suprema exaltação:—Deus, d'entre as minhas mãos, concedia, aos fieis, dulcissimas bençãos; erguia-me ao fastígio, ao cimo—almos momentos, sob a hipnotização, a luz, os paramentos... Orgulho, orgulho, sim! mas que ideal, que santo, nado da minha fé, rico do meu quebranto; florente, o orgulho meu, da viva vocação, do meditar nos ceus, no simbolo cristão! Prêguei, tinha uma voz tremente de noviço mas tumida de ardor, de aspiração, de viço; num horizonte imenso, estranho, ante os meus olhos.

Depois passou-se um tempo calmo, sem abrolhos. Rezava a minha missa e, serio, pontualmente cumpria a obrigação, vivia exemplarmente. Saía. Ia por hi a festas, a enterros, aos pulpitos bater, atassalhar os erros, calcar a impiedade:—a vida d'um convicto que vai seu norte astral sem o deter conflicto. Vivi um ano, assim... a comoção ardente do pulpito, da missa—imperceptivelmente, sumira-se, ficando um habito banal de recitar sermões, homilias, missal. A fé ia perdendo o arroubo, a veemencia, tornava-se desleixo, e, enfim, mera indolencia; e estudava melhor que a vida dos eleitos de mãos colegas meus... os vícios e os defeitos.

Um dia um estudante—um camarada antigo a quem fui vizitar numa efusão de amigo pregou-me, duramente, uma lição tremenda, o todo—contra a Igreja uma cruel perlenda. Respondi, testilhei... fiquei, ali, vencido: mas quiz mais, quiz, tambem, tornar-me um convencido. Se se aluia a Fé, ficasse-me a Razão. Estudei, procurei com frenezi, paixão, e conheci, assim, provinda, na verdade, d'um antropeide omisso os meus, a humanidade; acreditei em Strauss e venerei Renan!... Agora, eu via-o bem, era fadiga van tornar-me o coração á primitiva fonte, e o pensamento ater-se á derrocada ponte por onde eu, até ahí, seguira apoz de Deus.

Tive um impeto bom nos soliloquios meus: despir esta batina e ser, sinceramente, um homem verdadeiro e um leal descrente. Quiz sondar outros ceus, achar outra harmonia, e, afinal, por comodismo e covardia, fiquei á continuar a ser, como até ahí, um numero, um sinal da tribo de Levi. Era um bonzo qualquer, sonhando um mealheiro, um materialão, já cinico, grosseiro, sem crenças e sem fé, guardando o exterior como uns confrades meus de que eu tivera horror. O breviarío, esse, queimei-o uma manhã, era a ciencia falsa, a inquirição van. Na predica encarava rispido as ovelhas, e tinha um prazer máo em vêr chorar as velhas. Fazia-me devasso, imundo—intimamente; hipocrita, eu sabia, artificialmente,

ganhar a opinião e inspirar respeito. Sem duvida eu, depressa, era um palhaço feito.

Tive filhos, mulher e... nunca os conheci. —E' a baixeza moral, maior, a que desci! — Elojiei santões que eram velhas patranhas, degradação: turibulei todas as manhas; e era novo e rijo, e tinha uns braços saos! De queda em queda, vae-se a todos os desvãos, é-se aquilo que eu fui desde que comecei a transijir, ceder, escarnecendo a Lei; renegando o Direito e falseando o Justo: o que eu fui sem honra o que eu fiz sem custo! Chamava-me —padre, eu... O padre é quem nos guia para a Lei Interior, quem nos aponta o Dia; quem nos leva á Verdade e quem nos mostra o ceu do Belo, do Ideal, do Bem... Não era eu!

O que era, o que sou, e em muitos padres vira, tem um nome real, enérgico:—mentira! E p'ra isto, irrizão! valêra lá, a pena tirar-me á juventude a expansão serena, jocunda, festiva, de uma frescura de hera; extirpar-se-me d'alma o que se mais venera... Valêra a pena, lá, levarem-me do ninho, apagarem em mim sonhos de rapazinho, inocentes amor's, carater, preferencia, livre desenvolver, firmeza, independencia... No seminário transmudaram-me: em tudo, questão de molde, d'observancia, de estudo. Saí de lá trazendo, ao menos, Deus comigo; um dia esvae-se... e fico, então,—ao dezabrigo: sou ainda padre, mas não mais topei guarida, é que quebrára o elo rutilo da vida.

Envelheci, cancei no officio; é rendozo, mas, na verdade, quanto a mim, não era honroso lér o latim por mero e puro ganha-pão; prégar sermões que em mim, sem fé, nega a razão. Fui mercador—é o que é—do espiritual, imitei Roma, a insaciavel, a venal, imitei mitras; toda a infecta podridão branca por fóra, em que tropeja a citação... Gozei a carne, o amor proibido... esse tezoiro, amalhei, libei o vinho em calis do oiro... Incredulo, não tive, nunca, a coerencia fiz norma e regra:—a hipocrisia e a apparencia Mascara fora! Eu, sacerdote, fui assim.

El no entanto, hoje, mesmo inda protesta em mim —Lirio nevado que em areal vejeta— certa emoção profunda, espiritual secreta. Ainda a sinto amar, ter crenças virjinaes, algures, lonje d'aqui; p'ra fora dos missaes. Ainda lhe ouço a voz que alenta, strenuamente, quem sacrifica á idea e o que, rutilamente, fui puro, serio, bom... A! Deus vigora, eziste! E' necessaria a confissão—que é dura e triste— Deus não o temos nós—parcelas do instantaneo, migalhas do falaz, do vão, do subterraneo. Ha Deus, e creio em mim—padre que vae morrer—por misterioza voz no intimo do sér, creio em Deus... extranho a igrejas e a ciencias... Ceu, Deus, Relijião, ezistem:—nas consciencias!

Antonio Valente.

ARA

Silencio Trajico

A faina principiou de manhã cedo, manhã de junho quente abafadica: os machados, na *arranca* da cortiça rasgam de cima abaixo o arvoredo.

E o sobreiral vetusto no segredo das trajicas paixões, na dôr submissa dos vejetaes, dir-se-ha que se espreguiça n'um extaze espectral de espanto e medo.

Mas quando ao fim da tarde olho o montado e vejo em carne viva ensanguentado, o velho sobreiral, sinto que encerra,

na tortura sem vóz dos infelizes, a dôr que vae dos troncos ás raizes chorar, gritar no âmago da terra!

Conde de Monsaraz.

A Torre de Belem

Os grandes monumentos da ezistencia glorioza, da grande arte d'um povo, pajinas aureas da sua historia, ensinamento esplendido no seu futuro, é costume e dever santo, em cada paiz, veneral-os, conserval-os, relijoza nente, como a herança da melhor valia. Nós, portuguezes, creadorés d'uma epopea maritima a que o grande jeografo Eliseu Réclus não duvidou apellar de *«maravilha a maior do esforço humano»*, temos na pedra dos nossos monumentos a idea e a narrativa dos nossos feitos. Dotados para a arquitetura de propensões artisticas unicas no mundo, ainda conforme a expressão d'um illustre e sabio estranho, edificámos o Convento de Cristo, a Batalha, os Jeronimos—peregrina trindade da Fé, do Sonho, do Destino—e em monumentos como a Torre de Belem, filão de inezauriveis riquezas, de altos e graves pensamentos, deixámos a memoria artistica e poetica das vijagens nas naus da gloria e da luta:

«Por mares nunca d'antes navegados».

Ora muito bem. Hoje, decadentes, abatidos, escorraçados da intelligencia dos povos validos e produtores, nem ao menos conservamos, em toda a sua esplendida pureza, o que os nossos maiores deixaram.

A Torre de Belem, uma das nossas maiores riquezas architectonicas e nosso primeiro *arquivo historico*, está desfeida, absolutamente perdida para a contemplação e para os vizitantes, mercê

dos gazometros e montões de hulha da Companhia do Gaz que, totalmente, lhe sujam a pureza estetica.

Reclamações individuaes, colectivas, protestos do bom senso, brados da devoção patriótica, offendida com o desfeimento da admiravel preciozidade, teem sido recebidos pelos governos com os habituaes ouvidos de mercador. A Torre de Belem não tem a honra de sér cacique e influente graudo, não decide de eleições, nem mesmo tem a felicidade de saber aplicar umas chapeladas. Além d'isso não é familiar da nunciatura ou do palacio real, e, a desgraçada, nem, desgraçadamente, é deputado governamental. Como então importar-se um estadista, um qualquer Pitt domestico, com a conservação da sua beleza e com a grandiozidade da sua tradição?...

Não é nada do que o mundo dos homens da lei considera como valiozo, como importante, como distinto. E' padrão das navegações e das descobertas, é memoria eterna da epopeia cuja «honra e fama» evoca com os Luziadas; mas isso foi ha centenas d'anos; está muito lonje; e já não interessa senão quando se quer brunir a aravia com tropos lamechas de má retorica. Que se tisne pois ao fumeiro irritante, molesto, imundo, das chaminés da Companhia do Gaz. E que o estrangeiro perguntando, acazo, por ela, encontre o simbolo da nossa monarchia, dos nossos homens, da nossa civilização, n'essa marmita de gaz que a desvaloriza.

Escuzza a Camara Municipal de Lisboa, num honrado movimento de devoção artistica e respeito patrio, de reclamar perante os poderes publicos. Escuzam os seus vereadores de o tentarem. A monarchia e o bom gosto dos nossos donos quer as coizas para seu uzo proprio ou então... que o diabo os leve. A Torre de Belem, felizmente, não é do tamanho da custodia dos Jeronimos:—não pôde guardar-se na casa real. Deixal-a enegrecer, deixal-a acabar...

POLVORA SECA

No centro nacional de esgrima, club, como o titulo indica, onde se aprende o manejo da espada, ha dias houve um desastre, uma morte. Dous irmãos exercitando-se ou divertindo-se á esgrima com tão má sor-

FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Logo que o Duque da Terceira aportou com a divizão expedicionaria ás praias de Lagoa, em 24 de junho de 1833, Souza Reis com alguns cumplices forajiu se nos reconcavos do Penedo Grande, cujas veredas montanhosas conhecia. Deixou mulher e filhos, na primeira flor dos anos, inculcados das paixões de seu pai, fiados na jenerozidade dos vencedores e na propria innocencia. A vingança fez represalias na familia do fujitivo. A mulher e os filhos foram espancados pela tropa, depois do roubo e do incendio da sua caza de Messines.

O leão, como se ouvisse bramir os cachorrinhos nas garras do tigre, irrompeu da caverna; precipitou-se dos penhascaes á frente da sua alcateia, e atacou Estombar com irresistivel impeto.

Estava ahí a sua familia sob a pressão das baionetas que a vijavam como armadilha á queda do guerrilheiro; mas a tropa não pôde resistir á furia do pai. Ele atirava-se ás descargas, abrindo com a espada a vereda do seu ninho. Os inimigos que o viram nesse dia conservaram longo tempo a lembrança da sua catadura transfigurada pela desesperação. El todavia era um ho-

mem gentilissimo. Depois, senhoreouse de povoações importantes do Algarve e estendeu até ás fronteiras do Alentejo os seus dominios. Moveram-se contra ele muitos rejimentos de primeira linha e de batalhões da guarda nacional. Ele tinha adoecido de fadigas incomportaveis, e descansava com algumas centenas de homeins n'um desfiladeiro da serra chamado a *Portela da Corte das Velhas*. Ahí o atacou uma columna de caçadores 5. O *Remexido*, afinal, faltou-lhe a corajem de se fazer matar. Viu talvez a mulher e os filhos, entre a sua agonía e as baionetas. Deu-se á prição, e cinco dias depois era arcabuzado em Faro.

O rejimento em que eram capitães o Verissimo e o Nunes disparou, e eles, claro é, fujiram á maneira dos muito discretos e bravos jeneraes de que rezam os fastos militares.

O pret dos guerrilhas devia sér quantia diminuta, uma bagatela ridicula, que não merecia a pompoza classificação de ladroeira. Como não tiveram tempo de fazer o pagamento, retiraram-se com o cofre nas aljibeiras. E' o que foi, e a historia não pode dizer outra couza. Queria talvez o major de Vila Verde, o denunciante de Braga, que eles andassem á cata das praças dispersas pelas montanhas, a repartir os quatro vintens diarios e o vintem do municipio!

Verissimo foi para Alvações e o Nunes para S. Gens. O Norberto morreu nesse tempo d'uma conjes-

tão cerebral; alguém diz que o esganaram na cama dois malhados de Lobrigos contra os quaes ele tinha jurado em 28. D. Agueda recebeu o sobriaho carinhosamente. A herança do pai estava empenhada; foi á praça, sobejaram uns novecentos mil reis e a caza com as armas, pagadas as dividas. O Nunes disia-lhe da Povoá que andava por lá mizeravel, um piranga, na gandaia; que o pai dava lhe um caldo de feijões e o tratava como um cão vadio. Que, depois da partida do Algarve, não tinha com quem praticar em Braga para solicitador, nem tinha que vestir. O Verissimo chamou-o para Alvações com jenerozidade. Vestiu-o, e dava-lhe meios para ele poder estudar em Vila Real, com advogados miguelistas que o estimavam muito. A velha passava os dias a chorar entre o retrato do defunto major e o do sr. D. Miguel das illuminações, que se parecia muito com o sobrinho.

No inverno de 1840, D. Agueda morreu de uma indigestão de castanhas, complicada com interite cronica e saudades da realza. Deixou ao sobrinho a caza, as vinhas muito delapidadas; e o retrato do sr. D. Miguel ás freiras de Santa Clara de Vila Real e mais dez moedas de ouro, com a condição de lhe acenderem quatro velas de cera no dia dos anos de sua majestade.

Verissimo viveu então largamente. Fez-se chefe de partido nas redondezas de Alvações do Corgo, onde era conhecido pelo *capitão-*

Verissimo. Dzitou cavallo e muxila, jogou rijo dois anos na feira de Santo Antonio, em Vila Real, e perdeu tudo. O Nunes, que já solicitava cauzas na Povoá, repartia com ele dos seus proveitos muito escassos, porque o juiz e os escrivões, faziam-lhe guerra implacavel, e as partes fujiam d'ele.

O Verissimo saiu de Alvações onde não possuia palmo de terra; e, como tinha boa forma de letra, offereceu-se para amanuense a um tabelião de Alijó. Ganhava trez tostões por dia e jantar. Como era boa figura, a mulher do tabelião, uma trigueira de má casta, entrou a comparal-o com o marido que tinha os dentes muito lurados e os olhos tortos. Mas o tabelião viu as couzas pelo direito, e pôz o amanuense na rua e a mulher em lençoas de vinho, dizia-se. Verissimo conhecia o capitão mór de Murça, o Campos, um hebreu realista, muito abastado. Offereceu-se-lhe para escudeiro e foi aceite com bom ordenado. O capitão mór era viuvo; mas tinha uma governanta fresca, d'uma fome de pecado irritada pela indifferença judaica do amo em materia de relijião.

O Verissimo tinha a fatalidade femieira do seu *Sozia*, do sr. D. Miguel. O capitão mór com o seu fino olho de raça, lobrigou as sentimentalidades da rapariga. Pagou jenerozamente ao escudeiro e impôl-o. Voltou ao Douro, e procurou o amparo d'um realista poderoso, o Antonio de Melo, de Gouvinhas, o

pai do sr. Lopo Vaz, um grande ministro liberal cheio de embriões de coizas. O fidalgo de Gouvinhas nomeou-o feitor das suas quintas. Estava regalado; feitorizava pouco; o fidalgo admitia-o ás suas palestras intimas de politica; mas um sobrinho do Melo, um valente navalhista que chamavam em Coimbra o *Malagueta*, ganhou-lhe odio, por ciumes de uma tecedeira chibante, uma rapariga de tremor, de quadris roliços, a Libania de Covas. Travaram-se de razões. O *Malagueta* correu sobre ele com um punhal. Verissimo acovardou-se na sua posição dependente e despediu-se.

A Libania tinha cordões e umas moedas ganhadas com o pudor diluido no suor do seu bonito rosto, a corso das aljibeiras copiozas dos vinhateiros. Seguiu-o para o Porto em 1844. O neto do bispo D. João Camelo, abriu uma escola de primeiras letras em Miragaia. Ao cabo do primeiro mez, dava pontapés impacientes nos garotos, andava ralado, não podia com aquela bestialidade da instrução. A Libania queixou-se um dia de dor de dentes. Foi uma inspiração. O Verissimo rezolveu fazer-se dentista, e foi estudar com o Pinac, á rua de Santo Antonio, um bom homem. Andava neste tirocinio quando encontrou no Tivoli, defronte da Bblioteca, o Nunes. A Libania gostava muito de resvalar pela *Montanha Russa*, dava umas rizadas arjentinas, batia as palmas e queria montar os cavalos de páo que jiravam no jogo da argolinha.

te o fizeram que um d'elles foi atinjido e pouco depois faleceu. Uma voce a imprensa narrou o caso, por menorizar o miudante, e alguns melodramatizaram-no com cores picantes.

Incidentemente disseram a seus leitores que se está cultivando assaz o jogo da esgrima em Portugal, mas nenhum que nos conste aventurou que tal é um ruim estudo, um detestavel emprego de tempo e um desastroso gasto de esforço. Ora a esgrima é bem tudo isso. Na sociedade moderna que deve ser uma sociedade de paz, de trabalho concorde, de exercicio da intelligencia do bem, do belo, n'essa sociedade jogar a espada, exercitar-se o homem na tecnica da arma que fere e mata, é realmente para condenar. O centro nacional de esgrima numa capital onde ha sociedades scientificas, humanitarias, quer-nos parecer tão dessemelhante como alguém de tamancos grossos, cheios de lama, sobre tapeçarias de Arrás... quer-nos parecer uma incongruencia e uma insensatez. Espadachins, no nosso tempo, ainda os admitimos nos teatros, fazendo á luz da ribalta as delicias da burguezia bem ceada, não podemos porem, admitir-os nas realidades e nas relações da vida. Aquelles dois irmãos haviam de estimar-se com a mais viva amizade e nenhum d'elles pensou o absurdo de que ia matar o companheiro, o facto dado que extraordinario ia ser o seu desespero! O facto dado, aquelle que deu o tumulo ao irmão amado estava desfeito para toda a vida. Uma irmã ficou treloucada, os paes n'um estado de zolador; todo aquele lar que até ali irradiava felicidade velado de luto, de desespero. Mas isto é o aspecto familiar, respeitavel, merecedor da magua de toda a jente, não é todavia o aspecto jenerico.

Dá menos logar á emoção, á piedade, esse, todavia, é mais para considerar. Um desastre que vitima um sêr, que alucina uma familia é triste uma uzança que perpetua na comunidade exercicios que o bom senso, a educação moral, a mentalidade humana, não podem tolerar sem escandalo justo e sem viva reprobção não é só triste é de zolador. O sport, ou como queiram chamar-lhe, da esgrima, serve para habilitar o homem a lutar vantajosamente pela applicação da força e da dextridade em combates e em *corps à corps* que são descabidos no nosso tempo e que nunca foram nem mesmo nas eras barbaras predicados dignos no homem. Hoje que ha de facto um estado social melhor a esgrima é um máo passatempo e uma inadmissivel habilidade. Dá aptidões duelistas, familiariza o emprego e o gosto pelo aço mortifero, structuralmente mantem nos uzos e na educação couzas que ha muito deviam estar guardadas no pó das chronicas. As lutas de hoje, as atuais competencias, as modernas seleções, travam-se no laboratorio, na fabrica, na tribuna, no solo agricola, no comercio, na escola, no gabinete do sabio, na pena do publicista, no policiamento e avance dos povos não se resolvem e sanam no salão do jogo da espada. O homem moderno é sollicitado para a atividade do egoismo e do altruismo, binario que bem entendido cria a riqueza, a abastança, o accordo social, a eficacia da protecção á miseria, o atenuamento das injustiças chamadas naturaes, a desvio d'esse caminho é atentar contra a civilisação.

Ora a esgrima nasceu da espada, e a espada, do primeiro figurão que traçou um festim no sangue do seu igual. Quer dizer é remota, é barbara, é sangrenta.

Dezeduca, endurece, rebarbariza. Não o disseram os grandes jornaes... pois com licença, ou sem ela, cá fica expresso no anãozito.

João Fel.

RIDENDO...

Tem feito grande successo um novo genio thalassa que no beato «ex-Progresso» e em litterario arremesso põe o seu talento em praça.

De Val'ga correspondente mascarou-se de Jospin por modestia, certamente, e diz coisas, realmente, que até parecem... latim.

E' que a tal correspondencia tresanda sempre a sermão: Vê-se n'ella a intelligencia d'uma vêsga reverencia que teima... a dizer que não.

Pois nós dizemos que sim... (quem será mais verdadeiro?) e até do grande Jospin se elle escrever sempre assim, faremos um conselheiro...

Zzzt.

QUEM O SEU INIMIGO POUPA...

Escola salesiana

Não conhecemos a professora d'aquella escola, nunca lhe fallamos, nem nos consta, que ella produzisse contra nós qualquer affronta, que porventura pudesse despertar animosidade. Nada nos repugna mesmo crêr, que seja uma creatura bondosa, affavel, maternal para os seus alumnos, e exercendo o ministerio na melhor das intenções.

Pelo contrario temos até muito prazer em lhe suppôr essas qualidades, porque é sempre com dôr, que verificamos defeitos na especie. Estas qualidades, porém, não bastam, e das restantes qualidades pedagogicas a tradição não é lisonjeira.

Com effeito a tradição unanime tral-a até nós como uma pobre creatura ignorante, fanatica, automaticamente movida pelo seu director espirital, como qualquer boneco de engonços, por mão de creança traquinas.

Sob o ponto de vista moral poderá preparar entes que saibam caminhar affitamente no outro mundo, mas deixa-os com menos vista, do que a natureza os dotára, para trilhar victoriosamente a encosta d'esta vida, inocula-lhe o preconceito religioso, que os fará entrar no concurso social com um deficit de aptidão, oppondo-se a ideia obsidiante e absorvente da felicidade eterna á solidarisação para o bem-estar commum. Sahirão os alumnos de tal escola a papaguear excellentemente a doutrina christã, mas nunca lograrão comprehender a completa significação das *bem-aventuranças*. A alma sahir-lhes-ha engelhada pelas rugas do odio, do rancor e da intolerancia para tudo o que não seja a sua fé cega, os seus dogmas, o seu sectarismo estreito e obstinado.

Mis não é verdadeiramente á educação moral ministrada na escola de S. Francisco, que hoje queremos fazer a analyse; pretendemos por agora sómente trazer a publico a parte litteraria do ensino, que é feita do modo mais lastimoso.

A professora não tem habilidades algumas; não sabe lêr nem escrever. A prosodia e a orthographia choram amargamente os delictos negros, a que ella se sujeita; a etymologia e a syntaxe fugiram espavoridas do casebre escolar, não havendo meio de as fazer regressar a penates, emquanto lá permanecer o seu desapiadado alôz.

As creancinhas lêem *disparatadamente, automaticamente*, sem sequer sonharem a significação do que lêem, porque tambem a professora a ignora. Por sua vez a escripta é feita em *lingua bunda*.

Admiram-se! Não acredita-se! Mas se isto não é assim, se nós; calunniamos, se nos quetem confundir, relegando-nos á infima cathogoria dos detractores, têm um meio simples.

A professora sujeita-se a uma prova de leitura e escripta. Não será obrigada a lêr paleographo nem a escrever classicos arrevesados. Tudo muito facil. As provas serão dadas perante duas pessoas honestas e habilitadas, em cuja nomeação não interviremos para não serem suspeitas.

Centro Escolar Republicano de Ovar

Até ao dia 12 de outubro proximo aceita-se na sede do Centro a inscrição de matricula de alunos para os dois cursos gratuitos de instrução primaria — diurno para creanças e noturno para adultos — cursos que funcionarão n'este Centro desde o dia 15 de outubro rejidos por professor da Associação das Escolas Moveis pelo Metodo de João de Deus.

Podem, ainda, as pessoas que desejem matricular-se declarar-o, ao signatario, e aos cidadãos Manoel Augusto Nunes Branco e Fernando Artur Pereira.

O secretario da Direção,

LUIZ FERREIRA NEVES.

Sujeitar-nos-hemos ao seu veredictum.

Mas se acham isto ainda complicado, nós reduzimos a prova: a professora, que venha desmentir-nos em communicado, escripto sem modelo e redigido pela propria cabeça. Assim tirar-se-ha uma vingança completa, se nós faltamos á verdade.

Mas querem, que elogiemos a escola? Aqui nos compromettemos solemnemente a fazê-lo.

Para isso exigimos apenas, que a installe em casa regularmente higienica, e ponham á sua frente um professor habilitado, que se preocupe *unicamente* com o ensino.

O snr. sub-inspector do circulo não exhorbitará das suas funções, antes obrigar dentro da esphera das obrigações do seu cargo, se lançar olhos misericordiosos para esta calamidade publica.

Só queremos a lei. Ninguém poderá levar a mal o furor *legalista*, em quem pelos seus principios poderia sahir sem desdouro fóra d'ella. Continuaremos.

CHRONICA AGRICOLA

LIII

O VINAGRE

O vinagre é o liquido resultante da transformação do alcool dos liquidos alcoolicos em acido acetico.

Esta definição não é rigorosa porque tambem ha o vinagre de *madeira*, mas significa que não é só de vinho que se fabricam os vinagres puros, porque pôdem ser fabricados tambem de fructas e de cereaes.

Não é raro cuidar-se muito do vinho despresando por completo o fabrico do vinagre que todavia pôde ser muito falsificado e de fórma muito prejudicial á nossa saude.

Por isso todos, e sobretudo quem lavra algum vinho deve ter em casa uma vinagreira onde o fabrico para se certificar de que consume genero puro, da capacidade necessaria para o consumo.

Havendo vinagre feita é facil conservar-lhe bem; quando se tenha tirado um terço de vinagre, adiciona-se-lhe igual quantidade de bom vinho, porque é erro suppôr que o mau vinho dá bom vinagre. Segue-se geralmente o systema de deitar para a vinagreira as borras e osinhos turvos o que é prejudicial.

O vinho deve ser limpo e bom, alcoolico mas não em excesso, convido n'esta hypothese adicionar-lhe alguma agua.

A aceticificação é uma fermentação. O *micoderma aceti* transforma o alcool existente no vinho ou nos liquidos alcoolicos em acido acetico; não havendo alcool o micoderma não trabalha e é esta a razão porque o vinho maduro—sendo mais alcoolico—avinagra mais facilmente e dá melhor vinagre do que o vinho verde.

Quando não haja vinagreira feita, convém preparar-a o que não é difficil.

Suppunhamos que queremos transformar uma pipa em vinagreira.

O processo mais simples e menos trabalhoso embora seja o mais demorado, é lavar-a previamente com vinagre quente e em seguida deitar-lhe o vinho, misturando-lhe 10 a 20 litros de bom vinagre forte. Conservando a vasilha destapada e em logar quente a aceticificação faz-se antes de 2 mezes.

Se a pipa já está cheia de vinho, tiram-se-lhe 2 ou 5 almudes e deita-se-lhe dentro fermento de cerveja ou pão de centeio, deixando-a destapada.

A aceticificação faz-se mais ou menos rapidamente conforme as condições em que a vasilha se encontra; mas conhece-se que ella está completa pelo cheiro caracteristico que tem e ainda quando mergulhando-se um pau no vinagre elle sahe com uma capa branca adherente.

O bom vinagre tem 5 a 10 % d'acido acetico.

Ha processos rapidos de fabrico.

Põe-se uma vasilha a pino, e põe-se-lhe na tampa superior um funil por onde entra o vinho que vae cahir n'uma tampa falsa cheia de buracos por onde estão enfiados cordeis e que está na metade superior da vasilha. A metade inferior está cheia d'aparas de castanho ou faia previamente maceradas ou fervidas em vinagre, e tem buracos por onde o ar possa entrar.

O vinho escorrendo por os cordeis, cahe n'estas aparas que atravessa, cabindo no fundo do tonel e sempre em contacto com o ar, avinagrando rapidamente; este liquido passa-se 2 ou 3 mezes por a vasilha ficando feito o vinagre.

Ha varios outros processos baseados no conhecimento das condições favoraveis á vida e trabalho do micoderma aceti, mas só d'aconsehar nas grandes explorações e eu só escrevo para o lavrador pelo que me abstenho de os expôr.

O que convém é conhecer as condições essenciais para o bom fabrico e que são: sufficiente quantidade d'ar para facilitar a oxydção do alcool e evitar a formação dos aldehydes, uma temperatura elevada, liquido sufficiente alcoalico (no vinho é preferivel o de 8 a 9° d'alcool), diluindo-se em agua quando o sejam excessivamente, e meio acido que se pôde obter pela addição de vinagre. As bacterias supportam até 14 % d'acidez.

Para não alongar demasiadamente esta chronica na outra tratarei dos outros vinagres e processos de os fabricar.

Incendio

Cêrca das 7 horas da noite de quinta-feira preterita manifestou-se incendio no velho pardieiro em ruinas da residencia parochial d'esta villa, situado no Largo de S. Pedro, cuja maior parte serve hoje de coitada ás corujas e morcegos.

O fogo irrompeu d'uma dependencia que era actualmente occupada pelo velho Martinho da Silveira, em occasião em que este alli se não achava.

Ao signal d'alarme compareceram no local os bombeiros voluntarios com a bomba n.º 1 e carro de material, os quaes trabalharam na extincção do incendio até depois das 9 horas. Antes da chegada dos bombeiros, o fogo estava sendo combatido pelo povo que alli affluu em grande quantidade, auxiliado por uma pequena bomba do commerciante snr. Francisco Peixoto.

Ignora-se a sua verdadeira origem.

Ferrer

Na sua sessão de 4 do corrente a direcção do Centro Republicano d'esta villa resolveu adherir ao movimento de protesto contra a infame preseguição do illustre pensador Francisco Ferrer, participando, junto com as suas homenagens, essa adhesão ao comité pro-humanidade do Porto.

Escolas Moveis

Promovida e custeada pelo Centro Republicano d'Ovar, principiará a funcção na segunda quinzena d'este mez uma missão das Escolas Moveis pelo methodo João de Deus.

A escola, que é gratuita, terá dois cursos diurnos um diurno para creanças e outro noturno para adultos.

E' de toda a conveniencia que os interessados se matriculem desde já para melhor e mais proveitoso funcionamento da missão. Allí tem entrada todas as pessoas, sem distincções de politica e de relijião.

Noticias do Furadouro

A expensas d'uma commissão houve domingo musica na praia do Furadouro, fazendo-se ouvir de tarde a banda dos Bombeiros Voluntarios.

A concorrencia foi regular. —O movimento da pesca tem sido pequeno devido á bravura do mar, mas o seu producto foi por vezes animador.

—Chegou e funciona a valer uma nova sociedade de Pachecos, para a exploração da roleta e batotinha. Mas está sem sorte, como a primeira sociedade.

Rewolver

Perdeu-se um da Praça á rua de S. Bartholomeu. Quem o achar pôde entregal-o n'esta redacção onde se diz quem é o seu dono.

Carrelhas & Filho, Suc.^{ras}

COM

Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO

TANOARIA

Commissões

End. Teleg. — **CARRELHAS**

Rua das Figueiras

OVAR—Portugal

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

== OVAR ==